

Tecnologia, sociedade e fetichismo na produção fílmica recente  
(paper para discussão)

Prof. Dr. Ariovaldo Santos  
Depto de Ciências Sociais  
arioliveira2001@yahoo.com.br

1

A tecnologia, desde há muito, exerce seu fascínio junto aos seres da cotidianidade, estejamos dentro ou fora do capitalismo. Percebida como coisa do demônio no mundo medieval, no capitalismo ela assumiu uma certa aura redentora da humanidade, símbolo do progresso, da razão no homem moderno e, mais amplamente, expressão de uma humanidade qualitativamente melhor. Observe-se, por exemplo, a atenção de Leonardo Da Vinci, tentando desenvolver máquinas que estavam para além do seu tempo, como um projeto de helicóptero, ou, mesmo, Julio Verne, que mesmo antes das novas fontes de energia, criou os lendários textos de Vinte Mil Leguas Submarinas e Viagem ao Redor da Lua.

Ficção ou não, o fascínio tecnológico, independente do tempo no qual ocorre, exprime desde o início um dado essencial: é manifestação essencialmente humana, expressão de um gênero específico de ser no qual o mesmo se manifesta em sua generalidade e universalidade, mas também em sua particularidade e singularidade.

Enquanto expressão humana, a tecnologia reveste-se, assinalado por Marx em um pequeno texto, em meados do século XIX:

“Nos nossos dias, tudo parece prenhe do seu contrário. Observamos que maquinaria dotada do maravilhoso poder de encurtar e de fazer frutificar o trabalho humano o leva à fome e a um excesso de trabalho. As novas fontes de riqueza transformam-se, por estranho e misterioso encantamento, em fontes de carência. Os triunfos da arte parecem ser comprados à custa da perda do carácter. Ao mesmo ritmo que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo de outros homens ou da sua própria infâmia. Mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar a não ser sobre o fundo escuro da ignorância. Todo o nosso engenho e progresso parecem resultar na dotação das forças materiais com vida intelectual e na redução embrutecedora da vida humana a uma força material. Este antagonismo entre a indústria e a ciência modernas, por um lado, e a miséria e a dissolução modernas, por outro; este antagonismo entre os poderes produtivos [*productive powers*] e as relações sociais da nossa época é um facto palpável, esmagador, e que não é para ser controvertido” (Discurso no Aniversário de "The People's Paper". Proferido em Londres, a 14 de Abril de 1856. In:

<http://www.marxists.org/portugues/marx/1856/04/14.htm>. Acesso em 06 de junho de 2011).

A passagem anteriormente assinalada é essencial para a discussão proposta de tecnologia e sociedade. De um lado, acentua como a tecnologia e seu uso criam, potencialmente, as possibilidades de uma humanidade humanizada. Por outro, remetem a um grande problema: sob controle capitalista, a tecnologia acaba cumprindo papel inverso àquele para o qual ela serviria, de tal modo que, no plano da vida cotidiana, em vez de se posicionarem como produtores das inovações, os homens se vêem como criados por ela e, mais ainda, dominados por elas. Opera-se, pois, com a expansão das tecnologias, igualmente, a expansão do campo do fetichismo social, aquele no qual as coisas ganham vida e seus produtores se tornam coisas.

Entretanto, tecnologias e máquinas, em si, não são boas nem ruins, uma vez não possuem vontade própria. São as condições históricas determinadas que lhes dão sentido ou, mais precisamente, enquanto forças produtivas ligadas a determinado desenvolvimento histórico, é dentro da contextura material em que são desenvolvidas e empregadas que se torna possível compreender o seu alcance humano ou negador do humano. Razão pela qual, a discussão marxiana não é um debate anti-tecnologista ou de destruição das forças produtivas e sim uma reflexão que aponta no sentido necessário de se romper com a tecnologia na forma que lhe dá o capitalismo a fim de que a mesma possa assumir o caráter social que lhe é chamado a ocupar. Caminho pelo qual Marx chega, necessariamente, à luta de classes como meio de construção da emancipação social e do verdadeiro controle das forças sociais. Daí a conclusão de seu raciocínio no texto já citado:

“Alguns partidos podem lamentar-se disso; outros podem desejar ver-se livres das artes modernas, a fim de se verem livres dos conflitos modernos. Ou podem imaginar que tão assinalável progresso na indústria requer que seja completado por uma igualmente assinalável regressão na política. Pela nossa parte, não nos engana a forma do espírito astucioso que continua a marcar todas estas contradições. Sabemos que, para trabalharem bem, as novas forças da sociedade apenas precisam de ser dominadas por novos homens — e os operários são esses [novos homens]. Eles são tanto uma invenção dos tempos modernos como a própria maquinaria. Nos sinais que desorientam a classe média, a aristocracia e os pobres profetas da regressão, reconhecemos o nosso

bom amigo, Robin Goodfellow<sup>(1\*)</sup>, a velha toupeira que sabe trabalhar a terra tão rapidamente, esse digno sapador — a Revolução” (Discurso no Aniversário de "The People's Paper". Proferido em Londres, a 14 de Abril de 1856. In: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1856/04/14.htm>. Acesso em 06 de junho de 2011).

Sob as condições capitalistas apresenta-se como inevitabilidade o desenvolvimento tecnológico apresentar-se cada vez mais nas antípodas do humano, ainda que cada novo avanço seja, contraditoriamente, expressão das potencialidades humanas. Isto porque nas condições capitalistas (e, ressalte-se, na linha sucessória de modos de produção até aqui existentes, isto é, modo de produção comunal primitivo, modo de produção escravista e modo de produção feudal), impõe-se a necessidade de revolucionar continuamente as forças produtivas e, com elas, as relações sociais, uma vez que a produção na sociedade burguesa visa, essencialmente, a acumulação de riquezas, comparando o valor de uso do que foi produzido, como simples meio do valor de troca das mercadorias.

Assim, ao mesmo tempo que o capitalismo cria as potencialidades do humano, esboçando as condições para que o tempo de trabalho social a ser fornecido pelos indivíduos possa ser reduzido, no plano da cotidianidade, a favor do tempo liberado, as possibilidades de transformação do contorno em desenho acabado jamais se realizam efetivamente subordinada que esta a tecnologia à produção de mercadorias. Fato constatável empiricamente no terreno da informática, onde a capacidade oferecida por computadores, Ipods, etc, são infinitamente superiores às nossas necessidades cotidianas cujo tempo, igualmente, é consumido pelo capital. Para o ser comum da cotidianidade, que funcionalidade possui um note-book de um terabite de potência se, basicamente, ele será usado para alguns textos ou artigos, quando não vira simples armazenador de fotos, músicas e filmes que dificilmente serão vistas, escutadas ou assistidos ?

Por representarem multiplicação das potencialidades humanas, capazes de serem utilizadas sem que, necessariamente, compreendamos como elas se entrelaçam com o complexo social, o desenvolvimento tecnológico coloca o homem da cotidianidade cada vez mais em contato com o complexo de complexos da vida sua e sua aparente incompreensibilidade. Por outras palavras, livres do controle social as tecnologias ampliam o terreno do fetichismo social de tal modo que, aquilo que deveria ser visto como conquista humana assume,

progressivamente, o caráter fantasmagórico de um mundo de coisas que ganham vida, do qual o exemplo típico é conversar com o computador ou com a impressora, ou à beira da ruína.

O descontrole social do uso da tecnologia e seus desdobramentos retidos mediante uma leitura imediata e superficial da realidade permitem, por exemplo, compreender como na produção fílmica se transitou da crença na ciência, marcante nos filmes de ficção científica dos anos 1930 e 1940, onde os homens sempre restabelecem o controle sobre o descontrole de uma experiência científica mal sucedida, à sua descrença acentuada, onde o caos se sobrepõe, predominantemente, sobre as possibilidades de resgate da razão. Em *Alien*, por exemplo, a força que combate o alienígena restringe-se às inovações científicas das armas, ou, de maneira mais direta, a força combatida pela força, em claro abandono da perspectiva colocada por Voltaire em seu conto *Zadig*, onde, confrontado a um brutamonte, dirá o autor: O oponente tinha a força, mas *Zadig*, a razão”.

Quando não é a força das armas cientificamente avançadas que se impõem, ganha destaque a descrença de que a ciência possa se apresentar como expressão de realização da razão humana emergindo, pelo contrário, a leitura de que mais ela se desenvolverá e mais estaremos condenados à extinção (em tempos mais remotos, a trilogia *Planeta dos Macacos* e, em tempos mais recentes, para citar-se apenas alguns, *Eu sou a lenda*, *A estrada*, *O livro de Eli e Nine*, *a Salvação*). Rompe em aparência, sem romper na essência com o problema, filmes como *Minority Report*, *A.I* ou *Controle Absoluto*, que tentam resgatar a capacidade do humano em restabelecer o controle social sobre as coisas. Movimento que, no entanto, está distante de romper com a fetichização do real na medida em que a saída para o problema não transcende a sociedade que o produz. Significativo, igualmente, é a reedição, em tempos recentes, dos filmes *Transformers*, onde o descontrole social dos homens sobre as máquinas é tanto que as próprias máquinas precisam proteger os humanos, não estando as máquinas, por sua vez, imunes à apropriação das dimensões mais instintivas dos homens, como é o caso de *Megatron*. Tendência potencializada nos diversos filmes da série *O Vingador do Futuro*.

Vê-se, pois, que a relação tecnologia-sociedade se constitui em tema instigante para a investigação, mas que tratá-la dissociada do sentido assumido pelo desenvolvimento das forças produtivas e de sua conexão com a totalidade do movimento social só contribuem a produzir novas leituras fetichizadas da realidade que, em vez de desvendarem o mundo dos homens, tendem a cristalizar um aparente mundo das coisas.